

Debate redivivo, cem anos depois

OLIVAL FREIRE JR.

O LIVRO EM TELA interessa primordialmente a estudantes de física e de engenharia, como sugerido pelo próprio título. Ele pode, contudo, chamar a atenção de todos aqueles interessados em compreender o funcionamento da ciência através de sua história. O tema do livro pode ser resumido, de modo não técnico, na afirmação de que Buono e Assis desenvolvem uma comparação entre duas expressões (a de Ampère, obtida em 1820 e 1826, e a de Grassmann, obtida em 1845) para o mesmo fenômeno físico, o da força de interação entre dois circuitos elétricos. Os cientistas e engenheiros dos dias atuais têm familiaridade com a segunda, pois ela está incorporada na expressão de Lorentz para forças elétricas e magnéticas, sendo sua parte magnética. Isto quer dizer que ela está incorporada à teoria física do eletromagnetismo tal qual ela foi sistematizada no século passado por Maxwell e Lorentz, dentre outros. A expressão de Ampère, contudo, foi parar nos arquivos da história da física, embora ela apresentasse resultados equivalentes aos obtidos com a expressão de Grassmann. Deve ser notado também que a primeira expressão pode ser derivada da eletrodinâmica de Weber, um formalismo que também saiu da corrente principal da história da Física. Os autores do livro explicam que uma eventual diferenciação empírica entre as duas expressões demandava recursos técnicos e matemáticos mais largos que os disponíveis em meados do século passado, mas não avançam hipóteses sobre os critérios que informaram as decisões da comunidade dos físicos em prol de uma formulação e em detrimento de outra.

A partir do início da década de 80, notou-se, contudo, que certos resultados experimentais eram mais facilmente compreendidos

com a esquecida expressão de Ampère. Um século depois a controvérsia foi reaberta. Assis, físico brasileiro da Unicamp, tem sido um dos mais destacados protagonistas desta controvérsia com seus trabalhos sobre a eletrodinâmica de Weber. O resultado científico, inovador apresentado por André Assis e por Marcelo Bueno, também doutorado na Unicamp, neste livro - resultado, aliás, já publicado em revistas especializadas -, é uma extensão da equivalência entre as duas expressões. O livro finaliza apontando questões teóricas e experimentais, relacionadas à controvérsia, que são hoje objeto de investigação. Os autores concluem o livro sugerindo que novos experimentos deverão decidir a controvérsia, ao afirmarem: "Portanto, outros tipos de experimentos têm que ser utilizados na procura por uma solução para esta controvérsia". A história poderá, contudo, fornecer outra alternativa, já conhecida de historiadores e filósofos da ciência, pela idéia de "subdeterminação das teorias científicas pelos dados empíricos". Ou seja, devemos nos acostumar com a idéia de que dados experimentais não podem conclusivamente apontar para uma das teorias científicas em disputa. Assim foi com as teorias contemporâneas do surgimento da elaboração da relatividade restrita, em 1905, por Albert Einstein, que competiram entre si, e assim parece ser o caso, nos dias atuais, da controvérsia sem fim entre formalismos da teoria quântica. O abandono de uma perspectiva positivista ou empirista ingênua não empobrece as ciências da natureza, ao contrário, contribui para revelar suas ricas ligações com o conjunto da cultura.

■ *Olival Freire Jr. é professor do Instituto de Física da Ufba e Doutor em História da Ciência, pela USP.*

Cálculo de Indutância e de força em circuitos elétricos,
de Marcelo Bueno e André K. T. Assis.
Florianópolis:
Editora da UFSC,
Maringá-PR:
Editora da UEM,
1998,
164 págs.



Desenho de Carybé que serviu de capa para o CD de Batatinha, lançado recentemente no Solar do Unhão

Batatinha

O dono do samba

GENEVALDO MATOS

UM DISCO MEMORÁVEL que reafirma o talento de um dos maiores compositores da MPB. O disco de Batatinha, *Diplomacia - Antologia de um sambista*, recém-lançado, é uma obra primorosa de um sambista singular, que soube, como poucos, expressar em versos contundentes, mas de grande lirismo, as agruras do cotidiano. Como salienta o professor Cid Teixeira, ao escrever no encarte, (...) "a poesia intimista e pungente, a inextinguível capacidade de traduzir em versos as angústias existenciais" (...). Versos como *É proibido sonhar/então me deixe o direito de sambar* mostram a força de um poeta popular e músico da maior qualidade, que filtrou do seu dia-a-dia de labuta nas noites e madrugadas no extinto *Diário de Notícias*, onde foi gráfico por muitos anos, as coisas marcantes de sua valorosa obra poética. E mais uma vez recorro ao que escreve o mestre Cid Teixeira: (...) "talvez tenha sido a vida de jornal que lhe imprimiu o gosto pela observação do dia-a-dia, pela reportagem... casos vividos no seu cotidiano transformaram-se, nos seus sambas, em depoimentos, flagrantes, análises da mais alta intensidade" (...). Batatinha é tudo isso e muito mais, um artesão do samba que põe nos seus versos sentimentos e angústias, lembranças e

recordações. Em *Jajá da Gamboa* e *Zé de Loca*, o lado hilariante de Batatinha aparece de forma marcante. Versos como *mas a cabrocha é boa/apesar de ser coroa/mas o Jajá da Gamboa é o dono da situação*, em que Batatinha brinca (e brilha) em cima do tema para dizer que a cabrocha de Jajá da Gamboa não é feita a *Margarida/que foi a bomba calda que só veio estourar/na minha mão*. É o que ele também faz com *Zé de Loca (com aquela mulher de vestido preto/como se fosse viúva/cartou com você/lhe fazendo de boboca)*. Os sambas antológicos *Hora da Razão (Se eu deixar de sofrer/como é que vai ser/para me acostumar...)* e *Diplomacia (Meu desespero ninguém vê/sou diplomado/em matéria de sofrer...)* fazem parte do disco. E não podia ser diferente, pois se trata, talvez, das obras mais marcantes do vasto repertório de Batatinha. A dureza e autenticidade dos versos são, na realidade, o lado contundente da sua história musical. São também, junto com *Toalha da Saudade*, os sambas mais conhecidos do público porque tiveram, tempos atrás, Caetano e Bethânia como intérpretes. Aliás, Caetano e Bethânia estão entre os convidados que cantam com Batatinha no disco. Caetano aparece em *Pra Todo Efeito (...é Carnaval/não me tire da jogada/eu hoje sambo até de madrugada)* e Bethânia interpreta *Bolero (...gastei a*

ilusão e a pintura/nesta ribalta de sonhos azuis/num papel que destrói/mas seduz...) com força e garra. Outro que também está presente na homenagem a Batatinha é Chico Buarque, que mostra segurança na interpretação de *Toalha da Saudade (Tenho ainda guardada.../uma toalha bordada/que na escola de samba/um lindo rosto enxugou...)*. No disco, a voz mansa de Batatinha prende a atenção do ouvinte, pela suavidade e singularidade, sem a pretensão de ser um intérprete burilado e sofisticado. Aliás, o canto de Batatinha comove, como em *Hora da Razão*, pela simplicidade e personalidade forte apesar de sua timidez, o que está bastante claro nessa *Antologia*. Méritos para os produtores Paquito e J. Velloso, que tiveram a sensibilidade de realizar um disco com o espírito de Batatinha, deixando-o à vontade e escolhendo um time de músicos e arranjadores da melhor qualidade. O resultado não poderia ser outro: trata-se de uma obra-prima da Música Popular Brasileira, uma homenagem singular e não uma obra póstuma. *Diplomacia - Antologia de um sambista*, lançamento da EMI, certamente entrará para a lista dos grandes clássicos da MPB neste final de século. Batatinha merece.

■ *Genevaldo Matos é jornalista.*